

MATSUO BASHÔ NA POESIA HAICAÍSTA DO AMAZONAS

Cacio José Ferreira

Universidad de Brasilia/PPGL Universidade Federal Do Amazonas

Allan Nywner Praia

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO

Celso Medina

PPGL/Universidade Federal do Amazonas

Fecha de envío: 27 de enero de 2025

Fecha de aprobación: 18 de marzo de 2025

RESUMO

Este artigo analisa a influência da obra de Matsuo Bashô na poesia haicaísta do Amazonas, destacando a forma como os poetas da região adaptam a estética minimalista do haikai para expressar a riqueza natural e cultural da floresta amazônica. A pesquisa utiliza uma abordagem analítica e comparativa para explorar as conexões entre os temas centrais da poesia de Bashô, como a transitoriedade e a contemplação da natureza, e os elementos regionais, como a fauna, a flora e a paisagem amazônica. Ao integrar a essência contemplativa do haikai à vivência amazônica, os poetas criam uma forma de expressão singular que ressignifica o legado de Bashô, preservando a universalidade da forma poética ao mesmo tempo em que promove uma resistência cultural e ambiental.

Palavras-chave: Matsuo Bashô; haikai; poesia regional; minimalismo; adaptação cultural.

ABSTRACT

This article analyzes the influence of Matsuo Bashô's work on haikai poetry in the Amazon, highlighting how regional poets adapt the minimalist aesthetics of haikai to express the natural and cultural richness of the Amazon rainforest. The research employs an analytical and comparative approach to explore connections between Bashô's central themes, such as transience and nature contemplation, and regional elements, including fauna, flora, and the Amazonian landscape. By integrating the contemplative essence of haikai with Amazonian experiences, these poets create a unique form of expression that reinterprets Bashô's legacy, preserving the universality of the poetic form while promoting cultural and environmental resilience.

Keywords: Matsuo Bashô; haiku; Amazon; regional poetry; minimalism; cultural adaptation.



Imagem generada por IA

fugazes da natureza e das emoções humanas por meio de uma linguagem simples e concisa.

Matsuo Bashô (1644–1694), amplamente reconhecido como o maior mestre do haikai, desempenhou um papel central na consolidação dessa forma poética, elevando-a de uma prática popular e humorística a um gênero literário de profunda significação filosófica e estética.

Bashô incorporou em sua obra elementos fundamentais da filosofia zen-budista, como o wabi-sabi (a beleza da simplicidade e da imperfeição) e o mono no aware (a empatia pela natureza efêmera das coisas).

Seus haicais capturam momentos transitórios da vida cotidiana e da paisagem natural, transformando-os em reflexões universais sobre a impermanência, a fragilidade e a conexão entre o ser humano e o mundo. Essa estética, embora profundamente enraizada no contexto cultural e histórico do Japão, transcendeu fronteiras e influenciou a poesia em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil.

No Brasil, o haikai encontrou um terreno fértil para adaptação e reinterpretação. Inicialmente introduzido no início do século XX por escritores como Afrânio Peixoto e Guilherme de Almeida, o gênero foi absorvido e transformado pela rica diversidade cultural e natural do país.

INTRODUÇÃO

A poesia é uma das manifestações artísticas mais universais e, ao mesmo tempo, profundamente enraizadas em contextos culturais específicos. Dentro desse vasto campo, o haikai, uma forma poética japonesa desenvolvida durante o período Edo (1603–1868), tem se destacado por sua capacidade de capturar a essência de momentos

Na região amazônica, em particular, o haikai ganhou uma nova dimensão ao incorporar a biodiversidade exuberante da floresta tropical e as tradições locais. Poetas amazônicos, como Anibal Beça e Luiz Bacellar, têm se destacado ao reinterpretar o legado de Bashô sob a perspectiva regional, fundindo os elementos da estética japonesa com as imagens e os temas próprios da Amazônia.

Este artigo tem como objetivo explorar a influência de Matsuo Bashô na poesia haicaísta do Amazonas, investigando como os poetas da região dialogam com a tradição haicaísta japonesa ao mesmo tempo que inserem aspectos da fauna, flora e cultura local em seus versos. Ao fazer isso, buscamos compreender como essa fusão de culturas resulta em uma forma poética singular, que respeita a simplicidade estrutural do haikai ao mesmo tempo em que o adapta para expressar a identidade cultural e ambiental amazônica.

A análise aqui proposta baseia-se em uma abordagem interdisciplinar que combina estudos literários e culturais. Parte-se de uma revisão teórica sobre a tradição do haikai, com foco nos princípios estéticos de Bashô, e segue com uma investigação detalhada de poemas amazônicos contemporâneos que se alinham a essa tradição. Poemas como Rosto de Bashô, de Anibal Beça, ilustram como o imaginário amazônico se entrelaça com a herança poética de Bashô, resultando em uma estética híbrida que reflete tanto a contemplação zen-budista quanto a exuberância da floresta tropical.

Além disso, a pesquisa levanta questões sobre a adaptação cultural e a transposição de formas literárias entre contextos distintos.

Como uma forma poética criada em um contexto sociocultural e histórico específico, o haikai mantém sua essência ao ser transplantado para um ambiente tão diverso como o da Amazônia? Ou essa transposição resulta em uma reinvenção, onde a estética original cede espaço a novas formas de expressão?

Ao abordar essas questões, buscamos não apenas iluminar o diálogo entre a poesia japonesa e brasileira, mas também destacar a potência do haikai como um meio de expressão universal.

Outro ponto crucial discutido é o papel do haikai como forma de resistência cultural e ambiental. Na poesia amazônica, o haikai frequentemente se torna um veículo para refletir sobre a relação entre o ser humano e a natureza, evocando um senso de respeito e integração com o ambiente que ecoa os valores de Bashô. Essa dimensão crítica do haikai amazônico ressalta sua relevância contemporânea, mostrando como uma forma poética com raízes em um passado distante pode se transformar em uma ferramenta de engajamento social e político.

Portanto, ao investigar a presença de Matsuo Bashô na poesia haicaísta do Amazonas, este artigo não apenas contribui para o entendimento da interação entre culturas distintas, mas também celebra a capacidade da poesia de transcender fronteiras, ressignificar tradições e capturar a beleza efêmera da existência em diferentes contextos. A análise proposta reforça a ideia de que, apesar de sua estrutura aparentemente simples, o haikai

é uma forma rica e versátil, capaz de refletir as complexidades do mundo contemporâneo enquanto preserva sua essência contemplativa.

A Beleza do Efêmero: Hôjôki, Macunaíma e a Estética de Bashô

No Japão antigo, Hôjôki - Anotações executadas em recinto de nove metros quadrados: Escrito no Japão do século XIII (Yoshida, 2022, p. 07), imprime as inquietações de Kamo no Chômei sobre a impermanência da vida (Yoshida, 2022, p. 06). A obra é uma espécie de ensaio poético e autobiográfico, em que o autor descreve o isolamento em sua cabana e a busca pela paz espiritual através da simplicidade, em contato com a natureza. Chômei explora o conceito budista de mujô (impermanência), fundamental para entender o desapego material e a transitoriedade de todas as coisas (Pandey, 1998, p. 113).

Em outra vertente, Macunaíma, publicado em 1928, é um romance modernista brasileiro de Mário de Andrade que apresenta um personagem central conhecido pela sua «falta de caráter» e por seu caráter cômico e contraditório (Andrade, 2019, p. 06). A narrativa é uma viagem cultural pelo Brasil, misturando folclore, mitos e crítica social, revelando um país multifacetado e, ao mesmo tempo, explorando a complexidade da identidade brasileira (Andrade, 2019, p. 187). Mário de Andrade, com humor e crítica, pontua a natureza da cultura brasileira e a dificuldade de definir uma identidade coesa.

É possível ter temas comuns entre duas obras com cenário temporal, geográfico e períodos literários tão distantes? Talvez na fruição da impermanência e questionamento existencial.

Em *Hôjôki*, a impermanência das coisas é um tema central. Chômei narra suas experiências de isolamento como uma busca de entendimento sobre o mundo transitório (Pandey, 1998, p. 142), em que os eventos externos – desastres naturais, a morte e a decadência – refletem a fragilidade da vida humana (Tamamura, 2009, p. 156).

Já em *Macunaíma*, a transitoriedade aparece de forma diferente: o personagem principal muda constantemente, adaptando-se a contextos diversos, revelando a ideia de que a identidade e o caráter podem ser fluidos (Vieira; Rodrigues, 2016, p. 03). Ainda que de forma satírica, Mário de Andrade expõe como a cultura brasileira lida com mudanças e adaptações, sem uma âncora fixa de valores, o que pode ser visto como uma espécie de impermanência cultural (Vieira; Rodrigues, 2016, p. 02).

Em outro prisma, sob isolamento e reflexão, Chômei, em *Hôjôki*, escolhe o isolamento físico e mental como forma de alcançar uma paz interior e fugir da corrupção moral e da efemeridade da sociedade (Tamamura, 2009, p. 157). Sua cabana representa não só um refúgio físico, mas uma metáfora para a introspecção e o distanciamento dos valores mundanos.

Nessa perspectiva, em contraste, *Macunaíma* não busca um isolamento espiritual; ele representa o “herói sem caráter” que se mistura com o mundo ao seu redor e que se molda conforme suas necessidades e oportunidades (Andrade, 2019, p. 12).

Ao invés de buscar a introspecção, *Macunaíma* é movido pelo impulso, representando a falta de estabilidade que, por outro lado, critica o caráter fragmentado e heterogêneo da cultura nacional.

Outro ponto a ser observado é a natureza e transcendência nos textos mencionados. Para Chômei, a natureza é uma presença constante e serena, uma fonte de observação e meditação. Através dela, medita sobre a tranquilidade e o fluxo natural das coisas, distantes das ambições humanas (Pandey, 1998, p. 61). Esse contato com a natureza reforça sua visão budista de desapego e aceitação da morte e da passagem do tempo (Tamamura, 2009, p. 157).

Já em *Macunaíma*, a natureza é igualmente central, mas assume outra faceta: ela é tanto aliada quanto obstáculo e cenário das aventuras e peripécias do protagonista (Vieira; Rodrigues, 2016, p. 15). A natureza brasileira, exuberante e caótica, reflete as contradições e diversidade da própria cultura nacional, em um sentido que não visa a paz, mas sim a riqueza mítica e a complexidade cultural.

Dessa maneira, ao pensar nas duas obras, há diferenças bem alongadas. Na perspectiva cultural e filosófica, Kamo no Chômei, influenciado pelo budismo japonês, vê o isolamento e o desapego como meios de alcançar a iluminação e superar o sofrimento inerente à vida (Tamamura, 2009, p. 159). A introspecção é central, e seu propósito é transcender o ciclo de nascimentos e mortes (Pandey, 1998, p. 07).

Na outra vertente, em contrapartida, Mário de Andrade usa *Macunaíma* para expressar uma visão nacionalista e crítica da identidade brasileira (Vieira; Rodrigues, 2016, p. 07). Sua abordagem é irônica e irreverente, desconstruindo mitos e revelando a complexidade do “ser brasileiro”, sem uma perspectiva espiritual formal.

Nesse caminho, portanto, apesar das diferenças marcantes, ambas as obras destacam a condição humana, seja pela busca de sentido e desapego em *Hôjôki* ou pela crítica da identidade cultural e adaptação em *Macunaíma*. São leituras que, cada uma a seu modo, convidam o leitor a repensar a relação com o mundo e a sociedade.

Ampliando a peregrinação literária, Matsuo Bashô (1644-1694) foi um dos mais importantes poetas do período Edo japonês (Praia, 2023, p. 10), sendo amplamente considerado o mestre do haikai (ou haiku). Bashô revolucionou o haikai ao aplicar na forma poética simples e popular em uma expressão verticalizada e filosófica entrelaçada com a captura momentos efêmeros da natureza e das emoções humanas:

Difundindo-se pelos principais centros urbanos do país, em breve o haikai ganha os seus próprios mestres e desenvolve tendências divergentes, que se aglutinam em “escolas” ou “maneiras”. Destas, as duas principais foram as chamadas Teimon e Danrin. A Teimon [...] almejava elevar o haikai a um nível de realização estético semelhante ao do waka e por isso evitava os termos muito vulgares, o humor corrosivo e a falta de conveniência que caracterizavam sua rival, a Danrin. [...] No entanto, [...] o haikai é ainda ou o avesso, ou a bastardização ou a sombra do renga, e só com Bashô (1644-1694) [...] o haikai ocupará o seu lugar como gênero dife-

rente e autônomo, em que o pessoal e o impessoal, o alto e o baixo, o elegante e o grotesco compõem um mesmo mundo, cheio de sentido e de vida. (Doi; Franchetti, 2012, p. 16-17).

Se pensarmos na biografia de Matsuo Bashô, desde cedo se enveredou pela literatura e, em particular, pela poesia. Abraçou como estudioso, na juventude, ao estudo do *haikai no renga*, uma forma de poesia colaborativa (preste bem atenção no termo colaborativa). Entre influências de poetas e mestres da época, dedicou-se ao estilo de vida zen-budista e a filosofia do *wabi-sabi* (valorização da beleza da simplicidade e da imperfeição) imprimindo um estilo em sua estética poética (Praia, 2023, p. 23).

Ao pensarmos por esse caminho, é possível perceber que Kamo no Chômei, vê o isolamento e o desapego como meios de alcançar a iluminação e superar o sofrimento inerente à vida.

Mário de Andrade, complexidade do “ser brasileiro”, sem uma perspectiva espiritual formal e Bashô, valorização da beleza da simplicidade e da imperfeição como construtos poéticos (Vieira; Rodrigues, 2016, p. 06). As obras mencionadas destacam a salvação das imperfeições humanas, a seu modo é claro, pela poesia, seja ela direta ou pela subjetividade da narrativa.

Para Bashô, a poesia era a salvação da alma humana diante da efemeridade das coisas. Dessa forma, o zen-budismo e a meditação entrelaçam à poesia como forma de contemplação e decifração do mundo. As diversas peregrinações pelo Japão (Machado, 2011, p. 32) foram escolhas como uma espécie de “antropofagia” das paisagens remotas e santuários na transição para o poema. Seus diários de viagem, como *Oku no Hosomichi* (A Estrada Estreita do Norte), são uma combinação de poesia e prosa que capturam as experiências e observações sobre a natureza e a vida humana, ou seja, é preciso visualizar, capturar o instante, regozijá-lo e torna-lo poema (Praia, 2023, p. 77).

Diferente da tonalidade da prosa com certa dose humorística de *Macunaíma*, Matsuo Bashô afastou o haikai da função humorística inicial, expressando na síntese as observações filosóficas da paisagem como mecanismo de transcendência humana, aproximando-se da espiritualidade e da contemplação zen (Pandey, 1998, p. 10).

Em seus poemas, integrava as mudanças das estações e as pequenas nuances do cotidiano, em uma linguagem simples e direta, mas profundamente explicativa da transitoriedade. O conceito de *mono no aware* (a empatia pela natureza efêmera das coisas) é um tema central na poesia de Bashô, que buscava transmitir a impermanência e a fragilidade da vida humana e do mundo natural (Silva, 2016, p. 63).

Assim, rãs, folhas caindo, flores de cerejeira e água corrente, por exemplo, capturam a essência da experiência humana e da natureza em uma linguagem simples, mas de arrombamento, conforme termo criado por Roland Barthes (Barthes, 2007, p. 68), sendo, ao mesmo tempo, humilde e impactante.

Nessa perspectiva, o legado de Matsuo Bashô transcende a poesia japonesa. Alcança o mundo e influencia a poesia em recôncavos como o de *Macunaíma*. Não apenas elevou o

haicai a uma arte literária refinada como a conhecemos hoje, mas também possibilitou caminhos para que a literatura pudesse expressar a filosofia zen-budista e a contemplação espiritual como forma de salvação diante da efemeridade (Doi; Franchetti, 2012, p. 16-17).

Os poemas de Bashô, aparentemente simples, continuam a tocar leitores ao redor do mundo pela sua habilidade de captar a essência de um momento, o silêncio e a pausa, e pela maneira como expressam a beleza da impermanência. Seu trabalho é um lembrete de que a poesia pode ser um elemento eficaz de compreensão e conexão com a vida, com a natureza e com o momento presente (Leal, 2015, p. 03).

Ramificando-se no mundo, o desenvolvimento e adaptação do haicai de Bashô como expressão literária brasileira ocorreram em várias regiões do país, incluindo o Amazonas.

O haicai no Amazonas

No Amazonas, o haicai se expandiu como um meio de expressão cultural, integrando aspectos da natureza amazônica e da cultura local. Poetas da região começaram a experimentar o haicai, inserindo temas ligados à biodiversidade da floresta tropical, aos rios, à fauna e à flora típicas da Amazônia (Iendo; Sá, 2015, p. 15).

Esses temas regionais deram um toque único ao haicai brasileiro, pois adaptaram as suas imagens e estéticas à realidade amazônica, respeitando a simplicidade e a estrutura nem tanto. Contudo, Matsuo Bashô continua sendo a fenda em que o poeta da região fixa o olhar não como cópia, mas como inspiração. Dessa forma, segue a análise de alguns poemas produzidos no Amazonas que invocam a contemplação da natureza tão forte como o olhar bashoniano.

No luar de agosto

O camaleão da ria –

Rosto de Bashô. (Beça, 2006, p. 319)

O poema “No luar de agosto / O camaleão da ria – / Rosto de Bashô” evoca uma cena enigmática e rica em simbolismo, onde a figura do poeta japonês Matsuo Bashô, um dos mestres do haicai, é associada ao ambiente natural sob a luz da lua. Neste haicai, a lua de agosto, o camaleão e o “rosto de Bashô” formam uma imagem que remete à natureza efêmera e contemplativa da existência, qualidades essenciais na obra de Bashô.

O primeiro verso, “No luar de agosto”, cria uma atmosfera noturna e introspectiva. A lua cheia de agosto é tradicionalmente vista como um símbolo de plenitude e transitoriedade. Ela ilumina a cena de forma suave, trazendo uma qualidade quase mística ao ambiente e convidando à contemplação. Esse cenário lunar estabelece um tom de serenidade e calma, sugerindo que a natureza está em um estado de harmonia e beleza momentânea.

“O camaleão da ria” é uma imagem que agrega um caráter de transformação e adaptação. O camaleão, um animal que se camufla e se adapta ao ambiente, simboliza a mudança e a flexibilidade. Ao se apresentar “na ria”, ou seja, na zona aquá-

tica e pantanosa onde se encontra, o camaleão é um reflexo da capacidade de adaptação da vida. Ele se mescla à paisagem lunar, numa presença quase invisível, simbolizando a impermanência e o movimento sutil da vida que Bashô tanto valorizava.

Já o último verso, “Rosto de Bashô”, aproxima o poeta da cena natural, sugerindo uma identidade espiritual entre ele e o camaleão sob a lua. A referência ao “rosto” de Bashô pode simbolizar a conexão entre o poeta e a natureza, como se Bashô, ao observar e meditar sobre o mundo ao seu redor, se tornasse parte desse cenário natural. Através do haicai, Bashô buscava capturar a essência da natureza e das emoções humanas, e aqui ele parece ser um espelho dessas qualidades efêmeras e adaptáveis.

Este haicai, portanto, une o ambiente natural e a figura do poeta em uma contemplação silenciosa. A lua, o camaleão e o rosto de Bashô coexistem em uma única imagem, onde a transitoriedade, a adaptação e a presença serena da natureza refletem o espírito do haicai. Assim, o poema sugere que Bashô, através de sua poesia, alcança uma união íntima com o mundo natural, contemplando-o e sendo, ao mesmo tempo, parte dele.

Releio Bashô:

A lágrima do peixe

Ainda não secou (Leminski, 1983, p. 17)

Paulo Leminski, poeta e escritor brasileiro, foi um grande admirador e tradutor da obra de Bashô, e em sua poesia reflete influências claras do estilo do mestre japonês. Em seu livro *Matsuo Bashô: A lágrima do peixe*, oferece uma visão tanto crítica quanto poética sobre a vida e a obra de Bashô. O título *A lágrima do peixe* é uma metáfora poética que evoca o próprio espírito da poesia de Bashô — a capacidade de ver a beleza e a emoção em detalhes pequenos e efêmeros, como uma lágrima, que é ao mesmo tempo algo profundamente humano e naturalmente impossível em um peixe.

A escolha de Leminski pelo tema da “lágrima do peixe” sugere uma dor silenciosa e uma melancolia que se reflete na natureza. Esse título representa o olhar de Bashô sobre a vida e sobre o mundo ao seu redor: um olhar atento e compassivo, capaz de perceber a emoção e o sentimento nos lugares mais inesperados. Leminski valoriza essa abordagem em Bashô, ressaltando como a poesia pode revelar verdades ocultas e oferecer uma nova maneira de enxergar a realidade.

Assim, *A lágrima do peixe* é uma homenagem ao modo de Bashô de ver e sentir o mundo. Leminski usa essa metáfora para nos lembrar da profundidade da experiência humana e da capacidade que a poesia tem de capturar esses instantes, mesmo quando parecem inatingíveis ou paradoxais.

O primeiro verso, “Releio Bashô”, indica que o eu lírico está em diálogo com a obra de Bashô. Este ato de “reler” sugere uma busca por renovação, insight e, possivelmente, um desejo de se conectar com o olhar sensível e introspectivo do mestre japonês. O poema de Bashô, com sua ênfase na beleza dos momentos fugazes, parece inspirar o eu lírico a observar o mundo com um olhar igualmente atento e empático.

A imagem central, “A lágrima do peixe”, é uma metáfo-

ra rica e complexa. A “lágrima” evoca uma sensação de perda, dor ou saudade, sentimentos que transcendem espécies e que aqui são expressos através do peixe, um ser cuja “lágrima” é uma ideia inusitada, pois os peixes não possuem glândulas lacrimais como os humanos. Essa imagem pode simbolizar uma tristeza muda e invisível, uma dor que, mesmo não expressa de forma explícita, é profunda e presente.

O último verso, “Ainda não secou”, reforça a ideia de que a emoção — seja ela dor, saudade ou nostalgia — é recente e ainda vívida. A “lágrima que não secou” sugere uma lembrança ou uma experiência emocional que ainda ressoa no presente, como algo que persiste mesmo após o evento que a causou já ter passado. Isso pode remeter à natureza da memória e do sentimento, que às vezes permanecem muito além do momento que os gerou.

O poema, assim, reflete sobre a permanência dos sentimentos e a profundidade das experiências fugazes que marcam o ser humano. Através dessa imagem sensível e aparentemente simples, Simão Pessoa nos convida a contemplar a natureza duradoura de certas emoções e a forma como elas, como a poesia de Bashô, capturam a essência daquilo que é transitório.

Bashô no bar a tristeza:

Garçom recolhendo os copos

Finda a última cerveja

O haicai “Garçom recolhendo os copos / Finda a última cerveja” captura a atmosfera melancólica e reflexiva de um momento que chega ao fim. Neste poema, o cenário de um bar vazio e o ato de recolher os copos trazem uma sensação de encerramento, de passagem do tempo e de solidão, temas que ressoam com a simplicidade e profundidade típicas da poesia de Matsuo Bashô, mesmo neste contexto contemporâneo.

O primeiro verso, “Garçom recolhendo os copos,” descreve uma cena comum, mas que simboliza o fim de uma interação social, como uma reunião entre amigos ou um momento de relaxamento solitário. O garçom, aqui, é uma figura silenciosa que marca o término da convivência e o regresso à realidade cotidiana. Ele representa o último movimento de uma noite que termina, como um ritual de despedida.

No verso seguinte, “Finda a última cerveja,” a palavra “finda” acentua o caráter definitivo do momento.

O último copo de cerveja, que agora é recolhido, indica que não haverá mais nada a compartilhar ou prolongar naquela noite. Este verso ressalta a efemeridade da experiência, lembrando que todos os momentos têm um fim. A última cerveja é um símbolo de algo que foi saboreado e agora é uma lembrança, como o fim de um ciclo ou uma experiência que se dissolve na passagem do tempo.

A imagem criada é de uma cena que carrega uma melancolia discreta e universal: o bar que se esvazia, o silêncio que se instala, e o momento de introspecção inevitável que vem ao término de um evento. O haicai transmite uma sensação de nostalgia, a quietude de um lugar onde antes havia vozes e risos, e agora há apenas copos vazios e a presença muda do garçom.

Esse haicai, assim, toca em temas universais da poesia haicaísta, como a transitoriedade e a contemplação do presente. Ele nos lembra que, assim como a última cerveja, muitos momentos se findam sem alarde, deixando apenas um vazio silencioso e uma melancolia quase imperceptível. A simplicidade do haicai, ao captar esse instante, oferece uma reflexão sobre o ciclo das coisas e a beleza intrínseca de cada despedida silenciosa.

Rã bashoniana

Não percebe meu espanto:

brinca na piscina (Pinto, 2004, p. 47)

O poema “Rã bashoniana / Não percebe meu espanto: / brinca na piscina” evoca uma cena singela que faz uma alusão direta ao famoso haicai de Matsuo Bashô: “Um velho tanque, / a rã salta / som da água” (*Furu ike ya / kawazu tobikomu / mizu no oto*, 1686). No poema de Bashô, a imagem da rã saltando no tanque representa a essência de um instante que ganha profundidade e se transforma em reflexão. De forma semelhante, neste poema contemporâneo, a rã que “brinca na piscina” também provoca um momento de espanto e contemplação, mas com uma adaptação ao contexto moderno.

A expressão “rã bashoniana” conecta a cena à tradição poética de Bashô, sugerindo que o eu lírico observa o mundo com o mesmo olhar atento e receptivo que o mestre japonês.

Essa rã é uma “herdeira” da rã de Bashô; ao brincar na piscina, ela realiza um ato natural e simples, despreocupado e descomplicado. Essa brincadeira despreocupada da rã gera “espanto” no observador, como se ele estivesse sendo levado a reconsiderar o ambiente e os pequenos acontecimentos ao seu redor.

O segundo verso, “Não percebe meu espanto,” sugere que a rã está imersa em seu próprio mundo, alheia à presença humana e ao impacto que sua ação provoca. A inocência com que brinca na piscina torna-se uma espécie de metáfora para a simplicidade e a beleza dos atos naturais e instintivos, que não precisam de espectadores nem de interpretações para serem significativos.

A brincadeira na “piscina”, um elemento moderno e artificial, destaca o contraste entre a naturalidade da rã e o cenário contemporâneo. A piscina substitui o “velho tanque” do poema de Bashô, adaptando a cena ao contexto atual, mas preservando a essência do instante contemplativo. Essa rã na piscina moderna sugere que, mesmo em ambientes artificiais, a natureza ainda encontra espaço para existir e provocar espanto, convidando-nos a observar o que está ao nosso redor com olhos atentos e mente aberta.

Assim, o poema reinterpreta o espírito de Bashô, transportando-o para um cenário contemporâneo. Como Bashô capturou o som da rã que salta no tanque como símbolo da efemeridade, aqui o poeta observa a rã brincando na piscina e percebe a mesma simplicidade e beleza de um instante único e passageiro.

Ah, o *Satori*:

Matsuo Bashô, San-

to, me baixou na cuca. (Bacellar, 2002, p. 23)

O haikai “Ah, o Satori: / Matsuo Bashô, San- / to, me baixou na cuca” combina uma referência à filosofia zen-budista com uma expressão coloquial e humorística, resultando em um poema que fala sobre o momento de iluminação (*satori*) de uma maneira leve e bem-humorada. O autor mescla o respeito pela figura de Matsuo Bashô, o mestre do haikai, com um tom descontraído, expressando a experiência do “*satori*” de forma acessível e próxima ao cotidiano.

O primeiro verso, “Ah, o Satori,” refere-se ao conceito de *satori*, que no zen-budismo significa um momento súbito de compreensão ou iluminação espiritual. Esse instante de clareza é caracterizado como uma experiência de transcendência e paz interior.

A expressão “Ah,” que antecede “o Satori,” dá a sensação de surpresa e êxtase, como se o eu lírico estivesse reconhecendo um momento raro e valioso de entendimento.

No segundo verso, “Matsuo Bashô, San-” associa esse momento de iluminação diretamente ao poeta Matsuo Bashô, reverenciado como um “santo” ou “san”, um termo japonês de respeito e honra.

Bashô, com sua busca pela essência das coisas simples e pela beleza do presente, é aqui tratado como uma inspiração espiritual, quase como um guia que leva o eu lírico ao *satori*. É como se a presença ou a influência de Bashô tivesse “descido” ao poeta, guiando-o a ver o mundo com novos olhos.

O último verso, “to, me baixou na cuca,” usa uma expressão coloquial e brasileira (“me baixou na cuca”) para descrever a experiência mística do *satori* de forma descontraída.

“Baixou na cuca” dá a impressão de que a iluminação foi algo que “desceu” inesperadamente, como uma ideia ou compreensão súbita. Essa linguagem popular torna o poema acessível e expressa o humor com o qual o eu lírico encara sua própria experiência espiritual. A expressão mostra que o momento de compreensão não precisa ser solene ou distante, mas algo que pode ocorrer na mente comum, no dia a dia.

Este haikai brinca com a fusão do elevado e do simples, do zen e do cotidiano. Ele sugere que o *satori* **não é algo reservado para monges ou eruditos, mas uma compreensão que qualquer pessoa pode experimentar — basta um instante de atenção e a inspiração certa, que, neste caso, é proporcionada pelo espírito poético de Bashô.**

Bashô luz súbita!

fundiram-se os

circuitos lógicos. (Evangalista, 2012, p. 22)

O haikai “Luz súbita! / fundiram-se os / circuitos lógicos” combina uma expressão de iluminação com um toque de surpre-

sa e desordem, interpretando o “*satori*” — conceito de iluminação espiritual no zen-budismo, frequentemente presente na obra de Matsuo Bashô — em um contexto moderno, onde as “luzes” e os “circuitos lógicos” sugerem a tecnologia e a mente humana.

O primeiro verso, “Luz súbita!”, captura o instante exato de uma compreensão inesperada ou revelação. Essa “luz” é uma metáfora para o momento de clareza, o *satori* zen, em que se alcança uma nova perspectiva ou uma visão direta e pura da realidade. No entanto, a palavra “súbita” também implica uma força inesperada, algo que irrompe, que chega com uma intensidade tão alta que altera o estado inicial de forma drástica.

O segundo verso, “fundiram-se os,” cria uma pausa que prepara o leitor para o desfecho. A palavra “fundiram-se” sugere um colapso, como se a intensidade da luz tivesse levado ao esgotamento de algo, rompendo com a ordem ou estrutura pré-estabelecida. Aqui, a metáfora da fusão e do colapso traz à mente a ideia de que, com a chegada dessa iluminação súbita, o que antes era estável ou lógico é desfeito.

O último verso, “circuitos lógicos,” associa o momento de iluminação a um “curto-circuito” dos processos mentais racionais. Os “circuitos lógicos” são representações da lógica, da razão e do pensamento ordenado, como se fossem sistemas que regulam o funcionamento da mente.

A fusão desses circuitos sugere que o momento de clareza não se alinha com a razão convencional, mas é algo que desafia as estruturas lógicas, deixando o observador momentaneamente sem chão, fora da ordem racional.

Assim, o haikai explora a ruptura entre a razão e a experiência transcendental. A “luz súbita” traz uma compreensão tão poderosa que desestabiliza o “sistema” lógico do pensamento, um efeito que ressoa com as experiências de iluminação descritas no zen-budismo, onde a mente racional é, muitas vezes, transcendida para que se possa alcançar uma verdade essencial.

O poema, portanto, conecta a iluminação espiritual de Bashô com uma metáfora contemporânea, sugerindo que a verdadeira percepção, tal como um flash de luz, pode desorientar e quebrar as lógicas comuns, revelando uma realidade nova e desconcertante.

Portanto, *Hôjôki*, *Macunaíma* e a poesia de Bashô é unir três visões de mundo que valorizam o efêmero, o movimento e a simplicidade como essência da existência. No Japão, o monge Chômei e o poeta Bashô capturam a alma budista da aceitação e contemplação da mudança constante.

No Brasil, Andrade cria um herói que não é herói, mas um espelho da cultura que flui, se adapta, e se transforma. Esses três textos, ao se entrelaçarem, evidenciam-nos que a compreensão da transitoriedade não é apenas uma filosofia oriental ou ocidental; é uma verdade universal.

Tanto Bashô quanto Chômei e Andrade nos ensinam a valorizar o instante e a aceitar a passagem do tempo e das coisas, vivendo a simplicidade que se encontra na impermanência e no mistério da existência.

Considerações Finais

A análise da presença de Matsuo Bashô na poesia haicaísta do Amazonas, aliada à reflexão sobre obras como Hôjôki, de Kamo no Chômei, e Macunaíma, de Mário de Andrade, revela uma interseção rica entre culturas e perspectivas distintas sobre a permanência e a relação com a natureza.

Essa interseção, permeada pela estética minimalista e contemplativa de Bashô, expande-se para além de suas origens no Japão do período Edo, encontrando ressonância em contextos geográficos e culturais tão díspares quanto a floresta amazônica e a literatura modernista brasileira.

No caso do Amazonas, o haicai emerge como um meio expressivo de articulação entre o humano e o natural, ecoando os valores contemplativos de Bashô ao mesmo tempo em que dialoga com os desafios ambientais e culturais específicos da região.

Ao incorporar elementos como a biodiversidade da floresta tropical e aspectos da cultura local, os poetas amazônicos transformam o haicai em um veículo de identidade regional e resistência cultural.

Essa adaptação não se limita a uma simples imitação da tradição japonesa, mas reinterpreta-a de maneira autêntica, ressaltando o papel da poesia como uma forma de conexão universal e de revalorização do local.

A comparação com Hôjôki e Macunaíma enriquece essa discussão, trazendo à tona as diferentes abordagens sobre a impermanência e o caráter humano. Enquanto Chômei, em seu isolamento introspectivo, busca transcender as preocupações mundanas por meio da aceitação da transitoriedade, Andrade constrói em Macunaíma um protagonista que personifica a fluidez e a adaptação constantes, simbolizando a identidade cultural brasileira em sua multiplicidade.

Bashô, por outro lado, em seus haicais e diários de viagem, encontra na simplicidade da natureza e na observação dos momentos efêmeros a chave para a contemplação e a transcendência espiritual.

Ao unir essas perspectivas, percebe-se que, embora provenientes de tempos e lugares distintos, todas as obras tratam, de algum modo, da relação do ser humano com a impermanência da vida e das estruturas que o cercam.

Seja no refúgio introspectivo de Chômei, no humor crítico e na fluidez de Andrade, ou na contemplação minimalista de Bashô, há uma valorização do instante e uma reflexão sobre a natureza do tempo e da existência. Essa valorização ressoa profundamente na poesia haicaísta do Amazonas, que, ao abraçar a estética de Bashô, também celebra a singularidade da vida na floresta, com suas nuances efêmeras e intensamente vivas.

Além disso, o haicai amazônico assume uma dimensão crítica contemporânea, funcionando como uma forma de resistência diante das crescentes ameaças ao meio ambiente.

O uso da poesia para destacar a fragilidade e a beleza da biodiversidade local reforça seu papel enquanto ferramenta de

conscientização e preservação cultural. Nesse sentido, o legado de Bashô vai além da poesia japonesa, tornando-se um catalisador para reflexões que se estendem à ecologia, à identidade cultural e à espiritualidade.

Desta forma, o diálogo entre Bashô, Chômei e Andrade, mediado pela produção haicaísta do Amazonas, evidencia a universalidade da poesia e sua capacidade de atravessar fronteiras, adaptando-se e enriquecendo-se em novos contextos.

Nesse contexto, o haicai do Amazonas não é apenas uma extensão do legado de Bashô, mas também uma contribuição significativa para a literatura mundial, evidenciando o poder da poesia de transcender o local e o universal.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. Organizadores: Miguel Sanches Neto, Silvana Oliveira. – Chapecó: Ed. UFFS, 2019.
- BACELLAR, Luiz. Satori. Amazonas: Editora Travessia, 2002.
- BARTHES, Roland. Le discours amoureux: Séminaire à l'École pratique des hautes études. Paris: SEUIL, 2007.
- BEÇA, Aníbal. Folhas da Selva: haicais. Manaus: Valer, 2006.
- EVANGELISTA, Roberto. Mínimas orações: haicais de Roberto Evangelista. Manaus: Valer, 2012.
- IENDO, Virgínia Ferreira de Castro; SÁ, Michele Eduarda Brasil de. O haikai do Japão ao Amazonas: "Satori", de Luiz Bacellar. Revista Decifrar. v. 3, n. 6. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2015.
- KAMO NO CHÔMEI. Hôjôki: Anotações na solidão da cabana / Kamo no Chômei. Trad. por Nana Yoshida. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022.
- LEMINSKI, Paulo. Matsuo Bashô: A lágrima do peixe. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MACHADO, Daniel dos Santos. Haicai, uma análise da produção em língua portuguesa: Tema, forma e conteúdo. Dissertação (Mestrado em Letras). 114 f. Brasília: UNB, 2011.
- PANDEY, Rajyashree. Writing and renunciation in medieval Japan: the works of the poet-priest Kamo no Chomei. Michigan: CJS, 1998.
- PESSOA, Simão. Matou Bashô e foi ao cinema. Manaus: Coleção Pequenos Frascos 1, 2016.
- PINTO, Zé Maria. Dabacuri. Manaus: Ver Curiosidades, 2004.
- PRAIA, Allan Nywner. Da Cerejeira à Sumaúma: a gênese do haicai no Amazonas a partir de Versos dos verdes anos, de Samuel Benchimol. Dissertação (Mestrado em Letras). 99 f. Faculdade de Letras. Manaus: Universidade Federal do Amazonas: 2023.
- SILVA, Diogo César Porto da. Mono no Aware e sua relevância filosófica: a melancolia na poética japonesa. In: FREITAS, Verlaíne; COSTA, Rachel; FERREIRA, Debora Pazetto. (Org.). O trágico, o sublime e a melancolia. 1ed. Vol. 04. Belo Horizonte: ABRE - Associação Brasileira de Estética, 2016. p. 61-79.
- TAMAMURA, Kyo. Reclusion and Poetry: reconsidering Kamo no Chomei's Hojoki and Hosshinshu. n. 13. The Japanese Society for Aesthetics. Osaka: Osaka Seikei University, 2009.
- VIEIRA, Martha Victor; RODRIGUES, Jean Carlos. Macunaíma e o caráter nacional brasileiro: a cultura "desgeografada". REVHIST - Revista de História da UEG, [S. l.], v. 4, n. 2. Morrinhos: Universidade Estadual de Goiás, 2016. p. 01-19.
- LEAL, Lidyane Cristina Galdino. A importância da poesia na formação de leitores. Campina Grande: Realize Editora, 2015.